



CASA DE CAMPO DO CONDE PAROUESEAU, EM MENTON.

CASA DE CAMPO DO CONDE PARTOUNEAUX EM MENTON.

Menton é uma pequena cidade no principado de Monaco, cuja deliciosa situação, bello e sadio clima nada tem que invejar a Napoles.

Tendo a imperatriz viuva da Russia, durante a sua residencia em Nice, ouvido fallar com elogio do encantador sitio de Menton, resolveu-se a visital-o para conhecer por experiencia a verdade do que ouvira. Para esse fim, manifestados taes desejos, partiu o intendente geral de Nice para Menton, onde, entre as habitações que á portia foram offerecidas á illustre viajante, escolheu a casa pertencente ao conde de Partouneaux, cujo desenho a nossa estampa representa fielmente, e d'onde se gosa magnifico ponto de vista.

OS ULTIMOS ANNOS DO REINADO DE D. AFFONSO V.

COM DOCUMENTOS INEDITOS.

Continuação.

x.

As rivalidades entre os fidalgos portuguezes e castelhanos continuavam cada vez mais vivas, compromettendo os negocios de Affonso v. Os primeiros acceitavam a guerra como um penoso encargo, que afastando-os dos seus lares, não lhes promettia no futuro vantagens que os indemnissassem do sacrificio que lhes impunha: os segundos, ao contrario, privados do favor dos reis catholicos, e tendo fé na liberalidade e bizarrria do rei portuguez, viam em perspectiva grandes mercês, e a principal influencia nos negocios da monarchia.

O marquez de Vilhena, o primeiro pela posição e fortuna entre os partidarios dos direitos da princeza D. Joanna, escreveu n'estas circumstancias uma carta ao rei de Portugal, aconselhando-o a tentar uma empresa decisiva, que podesse dar-lhe evidente superioridade sobre o seu adversario: dizia-lhe que se determinava «ser rei de Castella, devia endereçar suas coisas, por conselho dos que o desejavam no mesmo reino, e não pelos d'aquelles cujo intento e vontade era levarem-no para Portugal, mais desejosos de ir folgar a suas casas, que cubiçosos de tamanha honra e proveito, como era do negocio em que andavam, o qual se queria trazer a bom fim com brevidade lhe aconselhava e pedia que logo se partisse a Madrid, a qual villa elle tinha de sua mão com muita gente de guerra, e artilharia, e outras munições, porque como lá fosse tinha quanto desejava, porque as terras de Madrid eram visinhas do Mestre de Calatrava, que todas estavam por elle, das quaes cada vez que

quizessem, e necessario fosse haveria toda a ajuda de gente, e mantimentos, e de quaesquer outras coisas que lhe comprissem.»

Affonso v inclinava-se á opinião do marquez de Vilhena; mas os fidalgos portuguezes a quem propoz a questão, foram de parecer que conseguindo elle apoderar-se de Burgos, Valladolid, e Medina del Campo, ficaria de facto senhor do reino: e que entrando em Madrid, afastar-se-hia das fronteiras de Portugal, privando-se de receber, a todo o tempo, os soccorros de que carecesse.

A resposta negativa, que, em consequencia d'este parecer, Affonso v deu á carta do marquez de Vilhena, embora n'ella lhe fizesse promessa de grandes honras e mercês, privou-o em breve dos serviços d'este poderoso magnate. «O marquez, escreve Damião de Goes, mui triste e anojado de tal resposta, começou a vacillar no serviço de el-rei D. Affonso, e buscou modos honestos e secretos para se lançar da parte de el-rei D. Fernando, e da rainha D. Isabel, como logo começou fazer, com salva de lhe ficarem todas as terras, rendas e senhorios que no reino tinha seus, e da corôa, e com perdão do erro commettido, e de todos os seus.»

A penuria financeira do rei, que crescia cada vez mais, tornava-se tambem um obstaculo constante, a que as operações militares tomassem maior desinvolvimento. O principe D. João para acudir ao subsidio do exercito com que devia partir em soccorro de seu pae, como dissemos, viu-se obrigado, depois de ter conselho na cidade da Guarda, a empregar medidas violentas, para alcançar alguns recursos. Não só se exigiu do povo, já exausto e enfraquecido, uma nova contribuição, mas lançou-se mão da prata das egrejas e mosteiros, pedindo-se além d'isso grossas sommas de dinheiro a pessoas particulares. «E não, escreve ingenuamente Ruy de Pina, sem grandes dôres e gemidos do povo, que o muyto sentiam.»

Todavia o que mais contribuiu para comprometter os negocios de Affonso v, foi a entrega da ponte de Samora aos reis castelhanos quando já o principe D. João se aproximava de Miranda sobre o Douro para se reuir ao exercito de seu pae. Eis como um escriptor hespanhol, nos descreve este acontecimento: «No anno do Senhor de 1476, estando a rainha, o cardeal em Valladolid, por meio de um frade em quem o cardeal muito confiava, se teve trato com Francisco Valdéz, alcaide da ponte de Samora que indo o rei em pessoa com gente secretamente, elle lh'a entregaria e poderia prender a el-rei de Portugal e á excellente sua esposa que estavam n'aquella cidade. E este trato souberam só a rainha, o cardeal, e o frade, e fizeram partir o rei que estava no cerco do castello de Burgos, deixando o dito cerco encarregado ao duque de Villa Hermosa seu irmão e ao almirante e condestavel, com D. Rodrigo de Ulloa, seu contador-mór; e Fernando Alvares de Toledo seu secretario. Partiu de noite de Burgos, e entrou

(*) Do num. 43

na noite seguinte em Valladolid para a casa do cardeal, o qual fingindo que ia visitar a rainha, levou consigo o rei disfarçado, aonde no quarto da rainha todos tres tiveram conselho do que se havia de fazer, e n'essa noite despacharam com toda a gente que em Valladolid se pôde encontrar a Alvaro de Mendonsa, que depois fizeram conde de Castro, que fosse adiante, e o rei foi após elle. Já o rei de Portugal suspeitava do trato, e se havia empenhado em tomar a ponte a Francisco Valdez e elle e Pedro Maçariegos seu tenente a haviam defendido, e o arcebispo D. Affonso Carrillo que estava com o rei de Portugal em Samora lhe aconselhou que saísse com elle e a excellente senhora, porque não era possível que aquelle alcaide que assim se defendia, não tivesse perto os reis catholicos, e que elle lhes conhecia a condição que estaria ali em breve, e assim foi que o rei de Portugal e a excellente sua esposa e o arcebispo D. Affonso Carrillo se partiram logo para Toro, e immediatamente veio D. Alvaro de Mendonsa, e se apoderou da cidade e houve muitos portuguezes que não poderam sair, e n'essa noite entrou o rei e com elle o almirante e duque d'Alva, e conde de Alva de Lista. (1)

Damião de Goes, na sua chronica escreve que Affonso v fôra avisado da traição pelo doutor Pero de Pareja corregedor da cidade, e immediatamente avisara d'isto o principe D. João, determinando prender Francisco de Valdez, e pôr na ponte outra guarda: «mas elle, continua o mesmo chronista, já tinha seus negocios tão bem ordenados, que tudo o que el-rei D. Affonso depois fez aproveitou pouco, porque como a rainha D. Isabel o mandou commetter elle deu d'isso conta a um cavalleiro por nome Pedro de Maçariegos visinho de Samora, e seu logar-tenente, homem sabio e de que muito se confiava o qual lhe aconselhou que não tão sómente entregasse a ponte, á rainha D. Isabel, mas que em tudo a servisse, como a sua senhora.» (2)

Affonso v que tinha por si a cidade e o castello de Samora resolveu atacar a ponte, suppondo que seria facil o recuperal-a. Mas encontrou uma resistencia com que não contava. Francisco Valdez tinha fortificado a ponte durante a noite, guarnecendo-a de boa artilharia, e o exercito de Affonso v teve de retirar depois de quasi um dia de aspero e mortifero combate, por conselho do arcebispo de Toledo, que reconhecia que a empresa, se não era impossivel, ao menos se não podia conseguir sem grande perda de gente. N'este conflicto, ficaram feridos alguns dos fidalgos principaes do exercito de Affonso v, como foram o conde de Villa Real, João de Lima, dos Limas de Villa Nova da Cerveira, D. Rodrigo de Castro, da casa dos condes de Monsanto, e D. João de Sousa.

(1) Vida del Cardenal D. Pedro Gonzales de Mendoza—no «Memorial Historico Espanol Tomo VI.

(2) Chronica do principe D. Joam por Damião de Goes — Cap. LXVII.

Affonso v retirara-se depois d'este combate, para Toro, com sua esposa, os fidalgos da sua côrte e o arcebispo de Toledo, e já era tanta a desconfiança que tinha dos castelhanos que, escreve Damião de Goes, «do caminho mandou el-rei recado a João de Ulloa, fazendo-lhe saber da sua ida, suspeito que o não quizesse receber na cidade, indo já determinado, se assim fosse, de ir a Portugal, e deixar a rainha no reino com sua casa ordenada, e se tornar outra vez a Castella a seguir sua empresa; mas João de Ulloa, como bom e leal cavalleiro lhe manteve a fé, e menagem que lhe tinha dado, recebendo-o na cidade como a seu rei e senhor.»

Foi pouco mais ou menos por esta occasião que o castello de Burgos se entregou ás forças castelhanas que o cercavam, e o duque de Arevalo, que até ali seguira o partido da princeza D. Joanna, reconciliou-se com os reis catholicos, por intervenção de D. Pedro de Zuniga seu sobrinho; acontecimento que infundiu grande desalento nos partidarios de Affonso v.

Nos fins de Janeiro de 1476 chegava finalmente a Toro o principe D. João com um exercito de vinte mil homens proximamente. Até aquelle momento Affonso v conservara-se n'uma posição meramente defensiva, e vira-se defronte do inimigo em circumstancias tão desesperadas, que recusara o desafio de Fernando o catholico, o qual lhe mandara dizer por um arauto, «que «era já tempo de com suas pessoas darem fim «á contenda, e debate que ambos tinham, e que «para isso era aliviado.»

Os grandes e fidalgos castelhanos que até ali haviam seguido o seu partido, abandonavam-no successivamente. O duque de Arevalo, como dissemos, foi um dos primeiros. O marquez de Villhena, a quem Affonso v escrevera, novamente instado, pelo rei não haver seguido os seus conselhos, respondeu que «deixava de se ir para «elle por andar occupado em suas terras, que «já lhe tinham seus inimigos destruidas, das quaes «não ousaria partir por lhas não acabarem de «tomar de todo.»

Mas Affonso v, confiado na superioridade das suas forças, accrescentadas pelo soccorro que acabava de receber, partiu de Toro, para fazer levantar o cerco do castello de Samora, e offerecer batalha a el-rei D. Fernando.

O rei e o principe tomaram quartéis no convento de S. Francisco, defronte da cidade. O campo foi defendido por fossos e grandes parapetos. Mas a posição que o exercito portuguez tomou tornava-lhe impossivel soccorrer o castello, e os castelhanos que estavam senhores da cidade, difficilmente se decidiram a ir dar batalha, em circumstancias tão pouco favoraveis para elles.

Houve entretanto suspensão de hostilidades, porque se tratou de um accordo entre os dois reis que se não levou a effeito, fazendo-se algumas conferencias, em que entraram da parte de Castella o almirante e o duque de Alva e um dou-

tor de Ciudad Rodrigo, e da parte de Portugal D. Alvaro filho do duque de Bragança, e Ruy de Sousa.

A rainha Isabel escrevera de Tordesilhas a D. Fernando para que assentasse pazes com Afonso v. qualquer que fosse o sacrificio de dinheiro, assim das despezas feitas na guerra, como do dote da princeza D. Joanna, mas que de nenhum modo lhe promettesse villas, nem castellos do seu reino, porque nunca o havia de consentir.

Novos agravos vieram exacerbar os resentimentos entre os dois principes. Segundo a propria linguagem de Damião de Goes, os portuguezes deixaram tão arruinada a igreja aonde se alojaram que ficou mais damnificada e destruida do que o pudera ser, se moiros ou alarves estiveram aposentados n'aquelle logar: e Fernando o catholico irritado por este desacato mandou ao arrayal um agente dos portuguezes para que dissesse ao rei de Portugal « que mal guardou a casa consagrada, onde Deus, de quem esperava ajuda, era adorado: e que muito estamos maravilhados que a sua devoção consentisse dar destruição em templo tão notavel. Os barbaros quando por força de armas entraram na cidade de Roma, com grande veneração guardaram os templos e nunca consentiram fazer em nenhuma casa de oração uma unica violencia das muitas que sua senhoria tem feito e pretendeu fazer n'aquelle santo templo. Da minha parte disse-lhe que muito devo a Deus por causa d'esta transgressão, unica para a satisfação em obra exterior, como em penitencia e constrictão interior. (*)

Continua.

LOPES DE MENDONÇA.

S. PAULO DE LOANDA

Continuação.

No entanto que o meu camarada estava occupado em dirigir o trabalho dos nossos homens, avancei pelo interior da ilha. Tentado pela curiosidade, lancei a vista por cima de um muro que cercava um jardim separando a quinta de um edificio, onde me pareceu reinar grande actividade. Effectivamente, um fumo alvaco saía do telhado por uma duzia de chaminés de tijolo. Não estando ao facto da industria do paiz, não descortinei o que podia aquillo ser. Fui arrancado ás minhas meditações por um homem, que me perguntou se eu era um official da fragata franceza. Respondendo, interroguei-o tambem de que servia aquelle grande edificio.

(*) Vida del Cardenal D. Pedro Gonzales de Mendoza — no Memorial Historico Espanol — Tomo VI publicação da Academia Real de Historia de Madrid.

— Com muita satisfação vol-o direi, me respondeu elle, se me fizerdes a honra de entrar em minha casa.

Ao mesmo tempo apontou para a quinta contra o muro da qual eu estava encostado. Aceitei.

— Tendes uma linda vivenda, lhe disse entrando.

A casa era em tudo semelhante ás que tinha visto em S. Paulo; porém mais bonita e espacosa.

Penetrámos primeiro n'um vestibulo que occupava todo o fundo da casa. De cada lado havia uma porta, dando para as cosinhas, e para os quartos dos criados de côr — vastos salões, onde homens, mulheres e creanças dormem juntos. Uma escada conduzia ao primeiro andar, que era a morada do dono. A sala, atapetada de finas esteiras, tinha cadeiras e divans forrados de seda. Alguns objectos de arte, e uma pendula adornavam a consola posta entre as janelas. Meu hospede offereceu-me alguns refrescos; e apenas soube que eu tinha dois camaradas occupados na ilha, immediatamente os mandou convidar a jantar. Em quanto esperavamos por elles, levou-me a visitar o edificio que suscitara a minha curiosidade.

Sob um telheiro, perto de sessenta pretos trabalhavam com extraordinaria actividade. D'um lado dez grandes moinhos reduziam a farinha a raiz de mandioca; do outro, em dez fornalhas de tijolos estavam caldeirões de cobre onde se seccava a farinha. Este telheiro tinha cincoenta metros de comprimento sobre cincoenta de largura.

A farinha de mandioca forma um ramo importante de commercio em S. Paulo, pois que toda a provincia faz uso d'ella. Não é sem interesse a descripção dos meios do seu fabrico.

O moinho figura um immenso tambor de seis pés de altura, e outros tantos de diametro. O interior divide-se em tres repartimentos. No superior deita-se a raiz de mandioca, e o inferior é o recipiente. O repartimento do meio é occupado por um cylindro de ferro, ôco, e fixo, na base do qual gira outro cylindro do mesmo metal, terminando em cone, e guarnecido de muitas arestas, pequenas na parte inferior, e maiores na superior. Este segundo cylindro tem por eixo uma barra de ferro quadrada; a qual, prolongando-se, atravessa a plataforma do moinho, e excede-a quasi tres pés. Este eixo está armado na extremidade exterior de uma barra de ferro, perpendicular, e da grossura quasi de tres dedos.

Na plataforma ha uma abertura pela qual um preto, encarregado de encher constantemente o moinho, deita para dentro a raiz da mandioca. Quando o compartimento superior está cheio, dois pretos subidos á plataforma andam circularmente empurrando a barra de ferro que atravessa o eixo do cylindro movel. A raiz, correndo para o fundo, vae entalar-se entre as pa-

redes dos dois cylindros, porque o cylindromo-vel, terminando em cone, deixa para isso consideravel espaço. Entalada ahi a raiz, as arestas do cone prendem-na, esmigalham-na, e deitam-na no compartimento inferior, já reduzida a farinha passando pelos dois cylindros. Caida a farinha no recipiente, outro preto a vae tirando, com uma pá de madeira, para um caldeirão, que depois de cheio é levado por um dos homens empregados nas fornalhas.

A secca pede especial attenção e cuidado. Os negros encarregados d'esta operação estão geralmente muito habituados. Devem vigiar que a farinha se aqueça o sufficiente para secar, e não para torrar. Para evitar este inconveniente, reguiam cuidadosamente o lume das fornalhas, e agitam constantemente a farinha com uma larga espatula de madeira. Quando está sufficientemente secca, tira-se de cima do fogo, e logo é substituida por outro caldeirão.

O meu hospede levou a sua complacencia até o ponto de me dar algumas summarias indicações sobre a cultura d'esta preciosa planta. Quando se corta o tronco da mandioca, separam-se-lhe alguns rebentões, da grossura de um dedo, e do comprimento de um pé. Chegando o tempo da plantação, prepara-se a terra em montinhos; e em cada um d'elles se plantam tres d'estes rebentões, tendo cuidado de os enterrar até dois terços. Ao cabo de dez mezes estão mui grossos, e então cortam-se rente da terra para a raiz engrossar tambem. Quando se julga esta em estado de maturidade, o que leva um mez depois de se lhe ter cortado a rama, arranca-se, e descascada é transportada para a fabrica.

Quando voltámos á sala do meu hospede, já ahi encontrei os meus dois camaradas, que, concluidas as suas tarefas, tinham vindo ao convite do portuguez. Achámol-os conversando com um estranho, que parecia gosar, da parte do nosso hospede, grande consideração.

Depressa passámos para uma bonita casa de jantar. A mesa estava servida com luxo e profusão. Mas que cosinha tão apimentada, meu Deus! Por isso as garrafas de vinho do Porto se despejavam que era uma maravilha. Quando veiu o café, já o nosso hospede não era para nós um novo conhecimento: era um velho amigo de muitos annos. O estranho tinha-se desembuçado do seu austero manto de dignidade em que até então se conservara: velhaco como um consummado negreiro, fallava de marinha como um velho nautico, e de combates e sacco como um corsario.

— Mas já navegastes? lhe perguntei.

— Se navegou! exclamou o nosso hospede. Pedi-lhe que conte alguma aventura da sua vida de pirata.

— Ah! o senhor é pirata! exclamou um dos meus camaradas.

— Já o não sou, mas fui-o, respondeu o desconhecido: agora sou assaz rico para descansar.

— Assim o podeis acreditar, porque possue

milhões, replicou o nosso hospede. Vamos, Alvaro, vamos; conta a estes senhores alguma das tuas historias.

— Vou satisfazer esse desejo.

E o ex-pirata, depois de cachimbar um pouco, e beber um copo de aguardente, assim começou.

Continua.

A ILHA DE VAN-DIEMEN.

Esta ilha, que modernamente se chamava *Tasmania*, pois que desde 1835, vae desaparecendo das cartas e dos livros geographicos o nome de Van-Diemen, tem adquirido grande importancia depois da descoberta das minas de oiro na Australia.

Está situada ao sul d'esta região. Foi descoberta em 1642 pelo navegante hollandez *Abel Jansen Tasman*, que lhe deu o nome do governador geral das Indias neerlandezas n'aquella epoca, mr de Diemen. O dia da sua descoberta, que foi a 24 de Novembro, festeja-se hoje pelos inglezes, possuidores da ilha, com uma regata, que se faz na bahia das *Kangourous*, na qual tomam parte os navios baleeiros que n'essa epoca ahi se acham.

Foi sir John Franklin, o aventureiro navegante dos mares polares, quem instituiu esta festa, quando governador d'esta ilha, nos annos de 1837 a 1843. Ainda hoje ahi se venera a sua memoria.

Na expedição ao polo norte, que lhe custou a vida, levava elle, segundo se affirma, o rascunho de uma obra que estava escrevendo sobre a sua gestão administrativa n'esta ilha. Dirigia todos os seus cuidados para a agricultura, industria, e commercio da colonia, tendo por fim arrancar os indigenas ao estado de barbarismo e ignorancia em que viviam.

Lady Franklin coadjuvava-o muito n'esta empresa.

Foi ella que deu o plano para o museu scientifico que existe nos suburbios de New-Town, a uma hora de caminho da capital Hobartown; foi ella que superintendeu no principio da florescente cidade que hoje tem o nome de seu marido. Diz-se que ella ainda é proprietaria d'uma pequena ilha, por nome *Betsy*, na bahia de Norfolk, onde naturalisou alguns animaes da Europa, que propagaram rapidamente.

Na costa da *Aventura* mostra-se ainda hoje uma arvore, onde o capitão Cook e os seus companheiros se divertiram em gravar o tronco, quando a ella abordaram em 1773, cento e trinta e um annos depois de Tasman. Cook julgou ter descoberto um novo mundo, e nem mesmo suppoz que fosse uma ilha; pensou que era terra firme como prolongamento da *Nóva Hollanda*. Os inglezes estabeleceram-se n'ella só no anno de 1804, e tiveram de sustentar muitas guerras com os indigenas. Estes fizeram tenaz resistencia, na qual gastou o governo inglez inutilmente vinte

sete mil libras esterlinas. Foi então que um pedreiro, por nome Robinson, ajudado d'uma feiticeira de grande veneração no paiz, da qual se serviu para cumprir seus designios, attrahiu os indigenas, a pouco e pouco, para a terra dos Flinders, a ponto de deixar livre o paiz. A ilha de Flinders é abundante em kangourous, e vario pescado. Deu-se aos emigrados, além de passagem gratuita, uma casa, camas, vestuario, utensilios agrarios, farinha, viandas, redes para pesca, e medicamentos. Hoje não ha na ilha de Tasman senão uma duzia de indigenas inoffensivos.

A população da ilha sobe a cem mil almas. Hobartown, a capital, é uma cidade acieada e elegante, com o seu observatorio, egrejas, e até uma synagoga. Publicam-se ahi sete jornaes, sendo dois diarios.

INDIA PORTUGUEZA.

DEMONSTRAÇÃO DE VARIOS SUCCESSOS DAS ARMAS LUSITANAS, MODERNAMENTE HAVIDOS NA INDIA ORIENTAL.

Continuação.

Desfructava Madeo Rao n'esse tempo dezoito annos de edadê, e ainda que a pouquidade d'estes era bastante demonstrativo de diminiuta experiencia, tinha comtudo muita do governo, e sobrada ambição de gloria, estímulo, que mais o incita aos progressos das suas armas contra Aydar Alikan. Este favor que lhe conheceu o Noronha, foi a principal porta por onde entrou para obter d'elle todos os negocios de que ia encarregado.

Não cessavam os mal intencionados bottos de Pondá de fulminar contra Noronha as justas razões, que tinham para o constituirem reo do execrando demolimento do seu venerando templo (na sua opinião sacrilego insulto) commettido em despreso do mais adorado idolo das suas especiaes devoções, com a publica dissolução da praça de Mordangor, pretendendo da repetição de suas injurias queixas uma total reedificação d'aquellas experimentadas ruinas, com egual restituição da sentidissima perda das duas provincias.

Ouidas estas argucias mais dignas de reprehensão, que mercedoras de respeitosa attenção, propoz Noronha a Madeo Rao a grande utilidade, que lhe podia resultar da presada alliança dos portuguezes, persuadindo-o, que de nenhum modo sollicitasse contra si motivos para alguma infelicidade, (tanto mais facil de ser adquirida quanto mais difficultosa de se lograr a bonança) o que tudo pendia da boa ou má alliança com a nação tão belhcosa, que unida a Aydar Alikan seu contrario, poderia causar-lhe funestos effeitos com satisfação das oppostas vontades dos seus inimigos; além de que não deixariam tambem de concorrer para o seu abatimento as an-

tecedentes disputas de sua familia, e que bem persuadidas estas advertencias (a olhos fechados) devia refutar as apparentes razões, que com capa de zelo propunham os bottos, fundadas mais no entranhavel odio, que tinham ao Noronha, que na recta intenção de resarcirem a perda.

Estas e outras persuasivas razões de Noronha, juntas ao grande desejo, que tinha, e ainda conserva Madeo Rao de ver Aydar Alikan abatido, e o querer em tudo imitar os passos de seu pae, tios, e avós, o obrigaram a assignar os tractados, e consentir desfructar o estado pacificamente aquellas conquistas. Isto assim determinado ordenou tambem, que os cabos da emboscada feita ao Noronha, fossem severamente castigados, e mettido elle logo de posse de tudo, que lhe haviam roubado, por não terem os taes aggressores autoridade alguma para perderem o decoro a um embaixador, amigo de sua casa, que vinha com importantes negocios á sua côrte. O mesmo escreveu ao conde vice-rei rogando-lhe com instancias quizesse enviar-lhe segunda vez o Noronha, a quem havia proposto algumas proposições para a futura campanha.

Por serem fundadas na maior parte em utilidade do estado da India, e na boa conservação da sua capital, exporei algumas com individuação, e as reflexões que a esse respeito me occorrem e são as seguintes.

Proposições de Pardan Madeo, Rao, offerecidas ao estado de Goa no anno de 1764.

1.^a Que muito desejava concluir uma perfeita e permanente alliança com a nação portugueza, pela reconhecer firme na palavra, e sobrada de um varonil esforço.

2.^a Que se obrigava entregar a ilha de Salcete, da provincia do Norte ao estado, promettendo-lhe este corresponder com um gratuito soccorro de quatrocentos soldados com seus officiaes, artilharia e mais petrechos de guerra, pago tudo por sua fazenda, para cuja satisfação determinaria outras terras contiguas a Goa, das quaes licaria logo entregue o vice-rei, para dos seus rendimentos serem satisfeitas as tropas alliadas á imitação do que havia praticado nove annos o principe Salabarging com as tropas francezas commandadas pelo Bussy.

3.^a Que no vencimento de todas as batalhas, ou tomadas de praças a seus inimigos, arbitraria ás tropas uma reconhecida gratificação, seguindo em tudo o costume, e generosidade do principe Salabarging.

4.^a Que igualmente se taxariam soldos para os soldados, officiaes, e commandantes do mesmo modo, que com o estado se tinha havido, quando marcharam as tropas em seu soccorro contra Danda Raya puri, (*) como tambem para

(*) Dava Nanam n'essa occasião cincoenta rupias por cada soldado e officiaes d'aquelle soccorro. O conde vice-rei regulou os soldados, e o que sobrava foi applicado para as despesas das mesmas tropas.

os petrechos de guerra, pagamento de cipaes, e despendios do trem da artilharia e bagagem.

5.^a Que pelo decurso do tempo, completas algumas victorias contra os seus inimigos, entregaria ao estado toda a provincia do Norte.

6.^a Que as tropas portuguezas seriam obrigadas a conservarem o certo numero dos quatrocentos europeus, e caso que se augmentassem pelo acrescimo dos desertores das mais nações se lhes destinariam novas terras para seus pagamentos, evitando por este meio disputa com os bramanes commissarios das mostras e o valor da sua fazenda.

7.^a Que todas as tropas permaneceriam sempre alliadas ás suas em quanto lhes fossem convenientes; e que ao despedil-as lhes arbitraria em remuneração certa quantia de dinheiro, e que para quartel de inverno concedia a provincia do Norte por mais contigua á côrte de Ponem, que a de Goa.

Estas eram as principaes condições que seu tio Ragubá havia já proposto ao Noronha no anno de 1763. Certificando-o que depois de ter concluido o mesmo negocio com o conselho de Bombaim, o vice-rei conde da Ega o embarçou com um protesto, que fez, e que com melhor vontade o desejava conseguir debaixo das mesmas condições com os portuguezes pelos reconhecer de mais sobrado valor, e constante fidelidade, que aquelles mercadores.

Bem ponderou o vice-rei a vantagem, que ao estado resultava com a posse da ilha de Salcete, e n'ella incluída a melhor substancia de Goa; mas como na proxima monção esperava successor, quiz entregar-lhe o governo, e com elle a ponderação das circumstancias, que concorriam para não ser despresada uma tão util negociação; permittiu porém Deus o contrario com a morte do conde da Louzã, e as novas disposições dos tres governadores, que succederam.

Os experientes de Goa, moralmente tratados com esta metaphorica phrase, pelo conhecimento experimental, que tem dos visinhos inimigos do estado, não ignoram que das terras dos bonsulós não receberam os portuguezes soccorro de arroz, ou de outro qualquer genero comestivel por serem os primeiros e mais pontuaes, que se offercem a tomar armas, quando marcha qualquer inimigo contra o estado de Goa, como já se disse. As terras do Sunda tem sufficiente alimento para os seus habitadores, e ainda para remediar aos visinhos, mas hoje depende da vontade de Aydar Alikan, que as domina, e egualmente as de todo o reino de Canará. A provincia do Norte soccorre a Goa em quanto Pardan Madeo Rao não determinar o contrario.

Da praça de Damão pouco se pode esperar, e muito menos, havendo ruptura de guerra; porque tambem esta ficará bloqueada como já succedeu no anno de 1739 que então se perderam todas as provincias do norte. Ganhar pela espada o necessario alimento, é empresa difficilissima de conseguir, e ainda em tempo semelhante,

por serem os maratás hoje senhores de uma grossa armada, e Aydar Alikan poderoso nos mares da India: todos estes inconvenientes podem cessar com a posse da ilha de Salcete e provincia do Norte.

Em Synde, costa de Cambaya, ha muita abundancia de arroz: seu governo e habitadores desejam, que os portuguezes commercem com elles n'este genero; mas offerece-se grande difficuldade em navegarem n'aquelles mares embarcações pequenas dos mercadores de Goa, que a troco de sal conduzem do sul muitas vezes arroz para a capital; e do próprio porto de Synde muito apenas podem as embarcações grandes, e com não pequeno risco dos piratas d'aquelles mares fazel-o uma só vez em cada anno, nem haverá mercador algum de Goa, que queira n'este commercio continuar. As naus de guerra pouco poderão conduzir com prejuizo da fazenda real.

Já mostrei e melhormente se verá em seu logar, que a potencia maratá não tem as forças, cabos, e cabedaes, que tinha Chimagny Apá e seu irmão Bagy Rao, e que o seu exercito de presente se compõe só de cavallaria, com a qual não só não podem persistir nos paizes montuosos, mas nem ainda emprehender conquistas de praças, á vista do que lhes custou a da provincia do Norte.

Em toda a India é constante, e em todas as partes da Europa publico, que em quanto as tropas francezas se conservaram alliadas ao principe Salabargi em Dekan, nove annos desfructou a capital de Pondichery grosso cabedal, não só pelos officiaes d'este destacamento, como pelos mercadores que no exercito commerciavam, e por este meio extrahiam grande parte dos generos, que de França conduziam para a India.

Bem o tem mostrado as incomparaveis riquezas de Bussy commandante das tropas francezas, e as do marquez Dupliex general dos estabelecimentos da mesma nação e governador da capital de Pondichery: os thesouros que entraram por morte de Anabardikan Nababo de Arcatá da grande batalha de Gingy, da posse do principe Idaid Muidinkan dos reinos de Dekan, e da do Nababo Chandar Saib das provincias de Arcata.

Admiravel prova d'esta verdade nos está offerecendo hoje a companhia ingleza na India Oriental; pois as tropas alliadas ao Nababo Mahomede Alikan, e ao Nababo de Bangala, não só dominam toda a costa de Coromandel, e os riquissimos thesouros dos reinos de Ganges, mas ainda as riquezas dos asiaticos, que tem passado ás capitaes de suas colonias, e n'ellas mostrado pelos sumptuosos edificios e abundantes commercios a evidencia maior de seus cabedaes. Não menos attendivel se faz o exemplo de Cleves, quando recolhido a Inglaterra subiu a occupar o posto de commandante das tropas, passando-se logo ao de coronel, depois de o ter eu conhecido no anno de 1746 um

pequeno escrivão da companhia ingleza na cidade de Madrasta.

Se olharmos tambem para o Sanders, Picot, e outros que governaram esta capital respeitando os lucros com que se recolheram a Londres, acharemos n'elles veridicas provas para credito maior do expellido conceito. Se igualmente attendermos ao excesso, que chegam as riquezas do que actualmente governa com tão poucos annos do commando colheremos a infallivel certeza da proposta materia. Finalmente toda a grandeza, e respeito, que logram os inglezes na India, provem das tropas alliadas aos dois Nababos, não obstante conservarem estes com restricção a tudo o titulo, e porção concedida para sustentarem o fausto do cargo que occupam denegada a jurisdicção dos dominios, que em seus nomes rege a companhia de Inglaterra. Os francezes em Dekan costumavam praticar diverso modo porque só desfructavam o que lhes era concedido para subsistencia das tropas, e despeza das campanhas.

Quem, se o não desamparar a prudente consideração, poderá duvidar, que se as tropas do estado conservarem a alliança com os maratás, ou Aydar Alikan (conforme o pedir a situação do tempo) com as condições propostas e as mais que se julgarem convenientes, (cujo conseguimento com facilidade se poderá grangear) não desfructará sempre Goa uma perfektissima paz, e entrarão tambem n'ella aquelles cabedaes, com que tanto se augmentou em opulencia a capital de Pondichery e hoje se acha desfructando a cidade de Madrasta?

Quem, se lhe não faltar a experiencia, terá valor de empunhar a espada contra os portuguezes vendo-os unidos a uma das duas potencias? Não duvido, que contra este discurso hajam varias opiniões fundadas talvez em falsas e mal consideradas supposições, de que alliado o estado com os maratás, não deixará de incitar contra si as forças de Aydar Alikan, ou pelo contrario provocar em seu odio a indignação d'aquelles contractando com este qualquer alliança. De muito boa vontade seguiria eu esta frivola opinião, se não conhecesse serem communmente falsas todas as supposições, e por conseguinte de pouca subsistencia as ponderações que n'ellas se estribam.

Com que razões poderão corroborar os seus argumentos, que se lhes não mostre nascer, ou de engano manifesto, ou do pouco conhecimento que tem dos animos asiaticos mais inclinados a interesses que propensos ás armas? Bem pudera eu n'esta materia alargar o discurso, com mais solidos e abundantes fundamentos, e razões igualmente concludentes; mas por agora cesso com segurar (pela experiencia que tenho d'aquellas nações) que mal terá cada uma tempo para defender-se, quanto mais logar de inquietar o estado de Goa.

Adquirir a alliança dos maratás, é o mais acertado parecer, porque d'ella recebe logo Goa a

ilha de Saloete e factivamente conseguirá toda a provincia do Norte, principal parte para segurança da capital da India: feita porém a alliança com Aydar Alikan, virá tudo a parar em promessas de futuro respectivo á conquista das terras do norte, ainda que resolvendo-se a fazer de presente doação ao estado, pode executar nos portos de Canará, que já foram possuidos pela corôa de Portugal e não com menos conveniencia por serem mais proximos a Goa, e haver n'elles a mesma providencia de viveres e melhor concurso para o commercio.

Havendo subsistencia segura nada pode re-crear Goa, não só dos visinhos inimigos, mas nem ainda dos poderes unidos do Indostão; porque julgo se não atreverá a commetter uma empresa sem esperanças de conseguir d'ella fim glorioso, vendo-a com portas francas, e desimpedido o mar para conducção de mantimentos dos seus proprios dominios com independencia dos asiaticos, fortificada de muros e bem guarnecidas as praças para sustentar um prolongado sitio.

Conservam os asiaticos escriptas memorias dos factos antigos que obraram os portuguezes com deslustre das armas de seus predecessores. D'esta curiosa lembrança (que eu muitas vezes li) concebem elles ainda uma total incerteza de alcançarem victoria contra a nação portugueza, caso que Goa possua os dominios do norte ou adquira ao menos subsistencia segura sem precisão de visinhos. Com bem madureza ponderou Chimanagy Apá esta circumstancia, quando a conquistou, sendo general D. Luiz Botelho, como fica dito.

Achava-se Chimanagy Apá na provincia do Norte com um formidavel poder para a conquistar, e não obstante a grandeza do seu assombroso exercito, foi-lhe forçoso em attendencia á victoria apprehendida, ceder a Nizam Moluco algumas praças, terras, e vinte laques de rupias, obrigando-o por este meio e das promessas de lhe dar Galian Baundim, e Chaul, depois de completa a conquista do norte afim de lhe não embaraçar o projecto, e o sitio já posto a Baçaim: vendo porém Nizam Moluco, que se lhe não entregavam as duas ultimas praças, pouco soffri-vel, e sem attendencia ao já recebido, rompeu-lhe guerra com a duração de tres annos, servindo este não esperado procedimento de se retirar o general maratá do sitio que havia posto a Goa.

Continua.

Lições para maridos, comedia, imitação por Lopes de Mendonça — 400.

A Pobreza envergonhada, drama por Mendes Leal Junior — 480.